

Curso Básico sobre o Carisma Missionário Franciscano



A origem da missão franciscana no mistério trinitário



Lição 6

Curso Básico sobre o Carisma Missionário Franciscano



A origem da missão franciscana no mistério trinitário



Lição 6

Copyright

Comissão Internacional do CCFMC.

Edição revisada conforme as propostas do Congresso Internacional do CCFMC,
em Assis, Itália, 1994.

Redação original em língua alemã

Maria Crucis Doka OSF, Patricia Hoffmann,
Margarethe Mehren OSF, Andreas Müller OFM,
Othmar Noggler OFM^{Cap} e Anton Rotzetter OFM^{Cap}

Layout

Jakina Ulrike Wesselmann
Centro Missionário dos Franciscanos (MZF)

Tradução para o português

Malina Hoepfner RSCJ

Revisão literária

Renato Kirchner

Para a aquisição desta lição ou de outras, favor entrar em contato com:



**FAMÍLIA FRANCISCANA
DO BRASIL**

CNPJ 31.166.622/0001-18

Rua Coronel Veiga, 1705 - CEP 25655-152

Caixa Postal 90.174 CEP 25621-970

PETRÓPOLIS - RJ

PABX (0 24) 242.5247 e 242.1300

FAX (0 24) 242.7644

Email ffb@comupand.com.br

Página 2

Origem da missão franciscana - Lição 6



Índice

origem da missão franciscana no mistério trinitário

Texto das Fontes	5
Como Francisco e seus irmãos consultaram a Palavra de Deus	
I. Introdução	7
II. Visão de conjunto	8
III. Informação	9
1. A origem da missão: o Deus-Trindade	9
1.1. O termo „enviar”	9
1.2. O Pai envia seu Filho, nascido de Maria por obra do Espírito Santo	10
2. A Missão do Filho	11
2.1. Jesus revela o Pai	11
2.2. Jesus revela o amor	12
2.3. Jesus completa a obra do Pai	13
2.4. A vida missionária de Jesus	14
3. A missão no Espírito Santo	15
3.1. Pelo Filho com o Espírito Santo	15
3.2. O Espírito Santo como princípio de vida	15
3.3. Sendo missionários, somos espiritualmente aparentados a Deus	17
4. A missão franciscana	18
4.1. A missão do movimento franciscano	18
4.2. Anunciar Deus à humanidade	19
4.3. Comportar-se como Jesus	20
4.4. A meta da missão franciscana	20
IV. Exercícios	22
V. Aplicações	27
VI. Bibliografia	29
VII. Legendas das ilustrações	31







Texto das Fontes

Como Francisco e seus irmãos consultaram a Palavra de Deus

A verdade da doutrina anunciada com simplicidade, assim como a autenticidade da vida de Francisco se tornavam conhecidas de muitos, de modo que, certos homens começaram a se animar por seu exemplo, desejando unir-se a ele firmemente, no hábito e na vida. O primeiro deles foi Bernardo de Quintavale, seguido por Pedro Cattani. Eram dois homens ilustres, de vida edificante, membros da nobreza de Assis. Desejavam viver como Francisco vivia.

Francisco perguntava a si mesmo: Quais deveriam ser os fundamentos desta nova comunidade? Para receber uma resposta, os três foram juntos à igreja de São Nicolau, na praça da cidade de Assis, para consultar a Palavra de Deus. Entraram para orar, mas como eram simples e não sabiam achar a passagem do Evangelho a respeito do estilo de vida que queriam adotar, devotamente rogavam ao Senhor que se dignasse mostrar-lhes a sua vontade na primeira vez em que abrissem o livro.

Então, Francisco teve uma idéia: Como era um verdadeiro adorador da Santíssima Trindade, quis que o intento dos três fosse confirmado por um tríplice testemunho. Portanto, abriu o livro mais uma segunda e uma terceira vez para conhecer a vontade de Deus e pedir conselho a respeito da forma de vida que deveriam seguir.

O bem-aventurado Francisco deu graças a Deus nas três vezes em que se abriu o livro e se manifestava a vontade divina, confirmando seu propósito e desejo (Leg3C 27-29).







Introdução I.

missão de Jesus segundo o Evangelho de Lucas

No Evangelho de S. Lucas encontramos Jesus como aquele que cura doentes, liberta oprimidos e anuncia a Boa-Nova aos pobres. Ele é o Messias, anunciado pelos profetas, que salva o povo pela sua morte e ressurreição. Uma misteriosa obrigação determina o seu caminho: „*Não era necessário que o Messias sofresse todas essas coisas e entrasse assim na sua glória?*” (Lc 24,26). O Evangelho de S. Lucas termina em Jerusalém; a partir daí o Cristianismo se espalha em todo o mundo conhecido naquela época. S. Lucas descreve a dinâmica maravilhosa deste acontecimento na sua segunda obra, os Atos dos Apóstolos, que se lê como um livro de histórias fascinantes. O leitor acompanha os passos de S. Pedro e de S. Paulo de cidade em cidade, e assiste ao surgimento de pequenas comunidades cristãs. Precisa até de um mapa-múndi, para seguir a longa caminhada feita por S. Paulo através de terras e mares.

Uma impressão bem diferente é dada pelo Evangelho escrito por S. João. Em vez de levar a lugares distantes, conduz à profundidade. Ele vê a missão de Jesus enraizada na vontade do Pai. Concentra-se unicamente na pessoa de Jesus, enquanto Jesus, por sua vez, aponta para o Pai: „*As coisas que falo, eu as falo conforme me disse o Pai*” (Jo 12,50). No seu sermão de despedida, Jesus promete aos discípulos, acobardados pela tristeza, o Espírito Consolador que há de ensinar-lhes „*toda a verdade*” (Jo 16,5-15).

Procedendo do amor do Pai, Jesus chega à humanidade, „*para que tenha vida, e a tenha em abundância*” (Jo 10,10). O seu desejo é que todos se amem mutuamente com o mesmo amor com o qual o Pai e o Filho se amam (Jo 17,23). Portanto, envia homens e mulheres para que transmitam esse amor e essa vida em plenitude a todos os outros.

Vista assim, a missão é muito mais do que o simples intento de exportar uma versão europeia do Cristianismo para a África, a Ásia e a América. As raízes da missão mergulham muito mais profundamente do que os fundamentos de obras missionárias, como, por exemplo, escolas, hospitais ou igrejas ... Aliás, tais obras não são mencionadas nem uma única vez nos escritos de São Francisco e de Santa Clara. O que interessa aos dois, é, sobretudo, a vida em comunidade, o desejo de ver as pessoas se encontrarem como irmãos e irmãs, de se reconhecerem como pessoas amadas e agraciadas por Deus, para que estejam prontas a fazer ou sofrer aquilo que Jesus fez e pelo qual acabou morrendo. O importante é a libertação da humanidade para que tenha uma vida que seja muito mais do que um simples estado biológico, mas antes uma vida em abundância, que - começando aqui na terra - alcança depois a sua plenitude em Deus. Dada a situação indigna na qual a maioria da humanidade vive - mais perto da morte do que da vida -, a fundamentação original do franciscanismo transmite uma urgência singular.





Visão de Conjunto

II.

Motivos, fontes e procedência da missão



Na Lição 7, iremos estudar sobretudo aquilo que toca os elementos „exteriores” da missão franciscana, ou seja, os métodos, os destinatários, etc.; enquanto na Lição presente nos concentramos na contemplação dos aspectos „interiores” da missão, como, por exemplo, as motivações, as fontes originais e as conseqüências. Em primeiro lugar, teremos que analisar o uso do verbo „enviar”. Neste contexto, vamos constatar que Francisco, como „*admirador da Santíssima Trindade*” (Leg3C 29), segue o exemplo de S. João, encontrando a origem de sua missão na vida e no amor de Deus-Trindade. Num segundo passo, esta observação será aprofundada: Jesus é o missionário do Pai, que revela seu nome, ou seja, o seu amor, por meio de palavras e atos. Jesus é aquele que completa a obra da Criação, da Redenção e da Plenificação, cuja única razão de ser é sempre e exclusivamente o amor. Palavras e

atos de Jesus convergem de tal modo que determinam o seu modo de vida.

Em seguida, essa sua forma de vida foi assumida pelos Frades Menores, e - de outra forma - também pelas Irmãs de Santa Clara, assim como pelos „*Homens e Mulheres da Penitência*” da Terceira Ordem Franciscana. Todos eles, igualmente, „*dão Jesus à luz por obras santas que sirvam de luminoso exemplo aos outros*” (1Ctfi 53; cf. 3CtIn 25). A missão franciscana se entende como uma continuação daquilo que Jesus falou e fez. Isto acontece „*sob inspiração divina*” (RegNB 12,1) e na força do Espírito Santo. Por isso, um terceiro passo levará em consideração a ação do Espírito Santo, assim como foi entendido por Francisco e Clara.

Um quarto passo recolhe as intuições e descreve a origem e a meta da missão franciscana, o mais completamente possível em conformidade com a atitude e o anúncio feito por Jesus.



Informação III.

conceito missionário de Francisco

Quando Francisco contemplava a missão de seus irmãos, não se baseava em idéias próprias, nem em meras considerações práticas, mas se concentrava naquilo que acontece no coração do próprio Deus. A origem e imagem original de toda missão encontra-se no Pai, no seu modo de enviar o Filho e na maneira como o Filho desempenha essa missão.



origem da missão: o Deus-Trindade 1.

O termo „enviar” 1.1.

Para Francisco e Clara, as palavras „missão” e „envio” não são sinônimos (cf. Lição 7). Porém, encontramos repetidamente nos seus escritos o verbo „enviar”: cinco vezes nos escritos de Clara (por exemplo, ao falar de enviar esmolos, enviar cartas, etc.) e 26 vezes nos Escritos de Francisco. Por onze vezes é Deus Pai quem envia, por três vezes é o Cristo. Com outras palavras, Francisco entende que um dinamismo, uma iniciativa missionária emana de Deus Pai, porque nele está a origem da missão. Para exprimir isto, Francisco cita textos da Sagrada Escritura: os salmos (seis vezes) e trechos do capítulo 17 de S. João (quatro vezes). Deste modo, o emprego do verbo „enviar” já revela donde Francisco tirou seu conceito missionário e onde encontrou o modelo de sua missão. Ele se sabe incorporado num processo vivo, numa corrente viva que emana do Deus vivo e trino e que quer abranger o mundo inteiro. Antes de enviar seus companheiros „às quatro partes do mundo” (1Cel 29), se reconhece a si mesmo como um enviado, um missionário, entendendo e vivendo tanto o lado „passivo” como o lado „ativo” da missão. Estava consciente de ser encarregado de uma missão e obrigado a transmitir e anunciar uma mensagem:

„Sendo servo de todos, a todos devo servir as odoríferas palavras de meu Senhor. Por isso, ... fiz o propósito de comunicar-vos por meio das presentes letras e de mensageiros as palavras de Nosso Senhor Jesus Cristo, que é a Palavra do Pai, bem como as palavras



do Espírito Santo, que são 'espírito e vida' (Jo 6,63)" (2Ctfi 2-3).

Na introdução à sua „carta aos fiéis”, dirigida „a todos os cristãos que vivem religiosamente, clérigos e leigos, homens e mulheres, a todos os que habitam no mundo universo”, Francisco anuncia o motivo desta sua pretensão universal. Quer dirigir-se a todos, porque se entende como servidor de todos e a serviço do Evangelho. A Boa-Nova dá sentido à vida e, por isso mesmo, está - na sua opinião - cheia de fragrância e de vida. Sentiu-se atraído por ela; por isso mesmo, quer transmiti-la a outros. Neste intuito, mantém as suas palavras intimamente ligadas às palavras de Jesus. As suas próprias palavras não são outra coisa senão um prolongamento, uma atualização da mensagem de Jesus; que - por sua vez - também não foi outra coisa senão a Palavra do Pai em forma visível e audível.

Portanto, Francisco transmite aquilo que emana do coração de Deus, do mistério central da Santíssima Trindade.

O Pai envia seu Filho, nascido de Maria por obra do Espírito Santo

1.2.

Até que ponto Francisco consegue captar o sentido do envio que emana de Deus e se revela nas suas „Vésperas da Festa de Natal”, que fazem parte do „Ofício da Paixão do Senhor”:

„Pois o santíssimo Pai celestial, nosso grande Rei, enviou do alto, desde toda a eternidade, o seu Filho muito amado - e ele nasceu da bem-aventurada Virgem Santa Maria” (OfP V,3).

A iniciativa emana do Pai: Ele, sendo eterno, entra no tempo. O Deus „vivo e verdadeiro” envia seu Filho que exclama: „Vós sois meu Pai” (OfP V,4). A voz do Filho que se dirige ininterruptamente ao Pai, cheio de confiança, mesmo no meio do mais amargo sofrimento (OfP I,9; II,11; III,3; IV,9; V,15; etc.), é a resposta de amor ao Pai, um eco do seu amor, incapaz de reservar-se a si mesmo, mas, pelo contrário, esvaziando-se e dando-se totalmente. Essa comunicação entre Pai e Filho possui uma qualidade toda especial, muito intensa, que - nas palavras do Novo Testamento - chamamos de Espírito Santo.

Necessariamente, Francisco deve ter presentido algo da plenitude de vida e de amor que existe no Deus Trino, ao formular o propósito de transmitir „as palavras de Nosso Senhor Jesus Cristo, que é a Palavra do Pai, como também as palavras do Espírito Santo, que são espírito e vida” (2Ctfi 3). Em seguida, ele desenvolve toda uma teologia da Palavra de Deus:

„Esta Palavra do Pai, tão digna, tão santa e tão gloriosa, o altíssimo Pai a enviou do céu, por seu arcanjo São Gabriel, à Santa Virgem Maria, de cujo seio recebeu a verdadeira carne da nossa humanidade e fragilidade. E ‘sendo rico’ (2Cor 8,9) acima de toda medida, preferiu todavia escolher, com sua bem-aventurada Mãe, a vida de pobreza” (2Ctfi 4-5).

Das alturas ao aniquilamento, da eternidade à vida temporal, da divindade à humanidade, da riqueza à pobreza - este é o caminho, o movimento, a humildade de Deus. Começa no Pai e - por obra do Espírito Santo - se encarna de modo visível aos homens, pelo nascimento do Filho de Deus da Virgem Maria.



missão do Filho

2.

Jesus revela o Pai

2.1.



É o Evangelho de S. João, sobretudo, que aponta para a relação íntima entre Pai e Filho. Mais que quarenta vezes anuncia - de um ou outro modo - que o Pai enviou seu Filho (por exemplo Jo 5,16-30). Nunca fala do Pai como o enviado, mas atribui essa missão sempre ao Filho, que é encarregado de „dizer ao mundo o que ouviu do Pai” (Jo 8,26). É missão dele libertar a humanidade de uma noção e imagem acanhada de Deus. Não consegue, porém, transmitir essa mensagem aos fariseus e escribas, ou seja, justamente àqueles que eram conhecedores do Antigo Testamento, mas que tinham elaborado uma falsa imagem de Deus, pois correspondia ao gosto deles (cf. Jo 5,36-47; 8,12-29).

Jesus é o poderoso anunciador do Pai, ele é sua Palavra insuperável: a Palavra do Pai, pura e simplesmente. Pai e Filho correspondem um ao outro. Por isso, S. João pode declarar sem rodeios: „O Verbo (a Palavra) se fez carne” (Jo 1,14). O Filho representa o Pai de maneira total. Aquele que envia e o enviado coincidem: „Quem me vê, vê o Pai” (Jo 14,9). Que Jesus é aquele que revela o Pai, isto S. João consegue resumir em mais uma outra palavra que também percorre seu Evangelho inteiro, ou seja, o termo „nome”. Sobretudo no capítulo 17, esse termo ocorre repetidamente. Também Francisco o utiliza duas vezes em trechos significativos; de modo mais extenso no capítulo 22 da Regra Não-Bulada, que pode ser considerada o seu testamento espiritual. Neste trecho aparece por quatro vezes a palavra „enviar” para indicar que - assim como o Pai enviou o Filho - assim também o Filho envia seus discípulos ao mundo. Francisco se deixa incorporar nesta missão, enviando - por sua vez - seus irmãos. No fim deste longo capítulo exclama:

„Guardamos pois as palavras, a vida, a doutrina e o santo Evangelho daquele que se dignou pedir a seu Pai por nós e nos manifestou o seu nome, dizendo: ‘Pai, manifestei teu nome aos homens que tu me deste’ (Jo 17,6)” (RegNB 22,38-39).

Como para João, assim também para Francisco, o envio de Jesus consiste na missão de interceder pela humanidade junto ao Pai e de nos revelar o nome do Pai. Há de revelar a todos, quem é o Pai. Portanto, Deus quer ser conhecido por nós, „miseráveis pecadores, que não são dignos nem sequer de pronunciar o seu nome” (RegNB 23,9; CantS 2), quer revelar-nos o seu ser, sua identidade. De um lado, Deus continua sendo um mistério, „invisível, indescritível, incompreensível” (RegNB 23,11); de outro lado, Deus se revelou de tal modo que Francisco não se cansa de louvá-lo numa longa ladainha, dando-lhe inúmeros nomes sublimes (LovDA = Bilhete a Frei Leão). Com máxima veneração, admirando e balbuciando, acumula qualidades para anunciar a grandeza e a bondade de Deus, sem, porém, conseguir esgotar-lhes o sentido.

Jesus revela o amor

2.2.

Entre todos os nomes que Francisco atribui ao Deus infinito, se impõe como fundamental o amor. „Deus é amor” (1Jo 4,8). Na sua ladainha ele varia a frase duas vezes:

„Tu és amor/caridade” (LovDA = Bilhete a Frei Leão). Quando diz que o Filho veio para revelar o Pai, então isto significa que Jesus revela o amor. Francisco reconhece essa relação na „Oração Sacerdotal” que Jesus rezou na Última Ceia, a qual assume para rezá-la - junto com Jesus - pelos seus discípulos:

„Assim como tu me enviaste ao mundo, assim também eu os enviei ao mundo... Não rogo apenas por eles mas por todos que crerem em mim por sua palavra. Que todos sejam um como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, para que eles estejam em nós e o mundo creia que tu me enviaste... e amaste a estes como me amaste a mim... Dei-lhes conhecimento de teu nome e ainda hei de dar para que o amor, com que me amaste, esteja neles, como eu” (RegNB 22,51-54 = Jo 17,18.20.23.26).

O Pai manifesta aos seres humanos um amor que é tão forte quanto o amor que dedica ao seu próprio Filho (cf. Jo 15,9; 17,23.26). O mundo reconhecerá esse amor se os discípulos de Jesus se deixarem seduzir e levar por ele à unificação. Com outras palavras, rezar „Santificado seja o vosso nome” e anunciar o nome de Deus significa: suscitar amor, promover uma verdadeira doação e intimidade. Jesus é o missionário do Pai porque manifestou o nome dele à humanidade e demonstrou - através de palavras e atos - que a vontade de Deus é o amor (cf. ParPn 5). „O seu preceito é que creiamos no nome de seu Filho, Jesus Cristo, e nos amemos uns aos outros” (1Jo 3,23).



Jesus completa a obra do Pai

2.3.

Jesus revela quem é o Pai: amor. E o Pai abraça a humanidade com o mesmo amor que tem ao seu Filho. Jesus veio ao mundo não somente para anunciar esta mensagem, mas também para demonstrá-la. E ele realiza essa revelação através de atos muito concretos, mostrando que „Deus é assim!” Este segundo aspecto da missão de Jesus é descrito no capítulo 23 da Regra, em forma de um prefácio (RegNB 23,1-9), frisando que Deus criou um mundo maravilhoso, colocando a humanidade como centro e cume de tudo. A harmonia, destruída pela humanidade por própria culpa, é restaurada pela Encarnação, Paixão e Morte do Filho de Deus, que já havia colaborado na obra da Criação do



mundo. Finalmente, o Filho voltará „na glória de sua majestade” para o julgamento, quando restaurará tudo, conduzindo-o à sua harmonia e ordem definitiva.

Criação, Redenção e Plenificação são as três obras pelas quais Francisco agradece aqui, e em outros trechos (RegNB 16,7; ParPn 1), dirigindo o seu agradecimento ao Pai, por ser aquele que realiza a obra da Salvação, „pelo seu único Filho, no Espírito Santo” (RegNB 23,1). O Pai tem a iniciativa, o Filho a realiza e o Espírito Santo é a força promotora.

A vida missionária de Jesus

2.4.

De tudo que foi dito até agora, é possível deduzir uma forma de vida missionária e unificada de Jesus:

- O Pai envia o seu Filho muito amado ao mundo, porque ama todos os seres humanos.
- Jesus se conhece como um enviado, encarregado de anunciar à humanidade o nome, a essência, o amor de Deus.
- Mas sua missão consiste igualmente em obras, ou seja, na entrega de sua vida, especialmente em benefício dos pobres e dos pecadores.
- O Filho aceita esta missão, assumindo „a verdadeira carne da nossa humanidade e fragilidade” (2Ctfi 4-14). Ele realiza isto:
 - assumindo a pobreza, que - desde o seu nascimento - o coloca do lado dos pobres;
 - assumindo o sofrimento conscientemente, tornando-o frutuoso para todos. Celebra a Última Ceia para entregar seu corpo e seu sangue, para „deste modo estar sempre com os seus fiéis... até a consumação dos séculos” (Adm 1,22);
 - assumindo a morte, oferecendo-se a si mesmo ao Pai „como sacrifício por nossos pecados no altar da cruz” (2Ctfi 11).
- O Filho anuncia o Espírito Santo como Paráclito.

Esta vida e paixão de Jesus em benefício da humanidade, evidencia qual há de ser a essência da missão; ou seja, o desejo apaixonado de se mostrar solidário com a pobreza, o sofrimento e a morte dos seres humanos todos, para estar totalmente disponível à humanidade, na confiança absoluta em Deus e na esperança da chegada do seu Reino.



missão no Espírito Santo

3.

Pelo Filho com o Espírito Santo

3.1.

Voltaremos mais uma vez à oração de agradecimento que Francisco escreveu para agradecer a Deus Pai pela Criação, Redenção e Plenificação do mundo. Nesta obra ele distingue não somente a colaboração do Filho, mas também a influência do Espírito Santo:

„Onipotente, altíssimo, santíssimo e sumo Deus, Pai santo e justo, Senhor e Rei dos céus e da terra, damo-vos graças por causa de vós mesmo, porque por vossa santa vontade e pelo vosso único Filho, criastes no Espírito Santo todos os seres espirituais e corporais, nos fizestes à vossa imagem e semelhança e nos colocastes no paraíso... E porque todos nós, miseráveis pecadores, não somos dignos nem sequer de pronunciar o vosso nome, suplicantes vos pedimos que Nosso Senhor Jesus Cristo, vosso dileto Filho, ... vos renda graças, juntamente com o Espírito Santo Paráclito, por tudo, conforme agradecer a vós e a eles” (RegNB 23,1-3.9-10).

Justamente porque Francisco é bem consciente de nossa fraqueza e do nosso pecado, ele realça o papel mediador do Filho, amado pelo Pai, e do Espírito Santo. No lugar do gênero humano („pro omnibus”), o Filho e o Espírito Santo agradecerão ao Pai. Somente o amor entre Pai e Filho, ou seja, o amor personificado, o Espírito Santo, é capaz de responder dignamente ao Pai, por ser igual a Ele. Portanto, podemos clamar: „Abba, Pai!” pois temos recebido o Espírito Santo (Rm 8,15).

O Espírito Santo como princípio de vida

3.2.

Francisco está convencido de que sua nova vida é inspirada pelo Espírito. Também aqueles que se juntarem a ele o farão sob „*inspiração divina*”, que é igualmente o impulso original que promove a entrada na comunidade dos irmãos ou determina „*a ida para entre os sarracenos*”.

„Se alguém, por inspiração divina, quiser abraçar esta vida e for ter com os nossos irmãos...” (RegNB 2,1).

„Se pois houver irmãos que quiserem ir para entre os sarracenos e outros infiéis, que vão com a licença de seu ministro e servo” (RegNB 16,3).



Os passos que levaram Clara e suas companheiras a seguirem o Cristo de modo radical, obedecem à mesma lógica:



„Por inspiração divina, vos fizestes filhas e servas do Pai celeste e celebrastes esponsais com o Espírito Santo” (FVCI 1). „O Espírito do Senhor repousará” sobre todos que produzem „frutos dignos de penitência”, amando o Senhor „de todo o coração, com toda a alma, com toda a mente e com todas as forças e ao próximo como a si mesmos” (1Ctfi 1,1; cf. Mt 12,30). Estas palavras de

Francisco, que figuram no início tanto da nova Regra da Terceira Ordem Regular como na Regra da Terceira Ordem Secular, evidenciam que a vida de penitência é carismática, animada pelo Espírito. É essa a vida espiritual que une todos os ramos da família franciscana entre si.

Também a missão entre os „infiéis” há de levar a um „novo nascimento”, a uma nova vida. Mesmo se os missionários têm de começar a sua missão, vivendo de modo singelo e simples entre os infiéis, contentes em dar testemunho de sua fraternidade. Porém, *„quando o julgarem agradável a Deus”, anunciarão explicitamente a fé cristã no Deus-Trindade para que os outros „se façam batizar e se tornem cristãos”; pois, „quem não nasce da água e do Espírito Santo não pode entrar no reino dos céus” (RegNB 16,1-13). Neste trecho, Francisco se baseia numa palavra de Jesus, citada por S. João (3,5). De acordo com S. João, vê o Espírito Santo como a força vivificante, como princípio vivificador sem o qual não existe vida. Esta convicção impele Francisco a falar nas suas Admoestações, usando as palavras de S. Paulo: „A letra mata, o Espírito dá vida” (2Cor 3,6). „Ninguém pode dizer: Jesus é o Senhor senão no Espírito Santo” (1Cor 12,3).*

Através da primeira citação, Francisco adverte que a todo saber ou novo conhecimento adquirido não se deve seguir boas obras (Adm 7).

Pois, a pesquisa científica e o saber intelectual matam quando não fazem outra coisa senão satisfazer a curiosidade ou o orgulho. Portanto, toda ciência deve levar à prática, à ação. Motivo e meta da ciência é o amor (cf. Lição 4).

Através da segunda citação, Francisco explica porque se tem de *„evitar o pecado da inveja” (Adm 8). Inveja é uma blasfêmia contra Deus, porque todo o bem é inspirado pelo Espírito Santo e pertence a Deus.*

Francisco é tão convencido que o Espírito Santo habita no cristão, que ele chega a declarar: *„É o Espírito Santo, que habita nos seus fiéis, quem recebe o santíssimo corpo e sangue do Senhor. Todos aqueles que não participam deste Espírito e no entanto ousam comungar, ‘comem e bebem a sua condenação’ (1Cor 11,29)” (Adm 1,13-14). É, portanto, o Espírito vivificador quem decide sobre o ser ou o não-ser dos cristãos.*

Sendo missionários, somos espiritualmente aparentados a Deus

3.3.

Para Francisco de Assis, a fé na Santíssima Trindade não é uma fórmula erudita ou vazia, mas uma forma de vida, a participação na própria vida do „Deus vivo e verdadeiro” (OfP V,1). Pelo menos, é assim que o descreveu na forma de vida que legou a Santa Clara para as Pobres Irmãs de São Damião: Como filhas do Pai e esposas do Espírito Santo, elas são aparentadas a Deus. Aquilo que é válido para elas, o é igualmente para „*todos os homens e mulheres que fazem penitência perseverando nela*”:

„São filhos do Pai celeste, fazem as obras do Pai, são esposas, irmãos e mães de Nosso Senhor Jesus Cristo (cf. Mt 5,45; 12,5). Somos esposos, quando por virtude do Espírito Santo, a alma fiel se une a Nosso Senhor Jesus Cristo. Somos irmãos de Cristo, quando fazemos a vontade do Pai que está nos céus. Somos mães, quando o levamos em nosso coração e em nosso corpo por virtude do amor divino e de uma pura e sincera consciência: nós o geramos por uma vida santa, que deve brilhar como exemplo para os outros” (1Ctfi 1,3-7).



Neste trecho, Francisco aplica a todos os cristãos em geral aquilo que disse especialmente de Maria: Ela é a filha escolhida e a serva deste Pai, mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo e esposa do Espírito Santo (OfP, Antífona). Aquilo que aconteceu a Maria, pode acontecer sempre de novo quando o Espírito Santo age num ser humano. É ele quem faz fiéis de infiéis. Por isso, Francisco saúda não somente a Maria, mas dirigindo-se a ela, exclama também: „*Salve vós todas, ó santas virtudes, derramadas, pela graça e iluminação do Espírito Santo, nos corações dos fiéis, transformando-os de infiéis em servos fiéis de Deus*” (SaudVM 6).

É coisa excelente que estas palavras da Carta aos Fiéis, que acabamos de citar, se encontrem atualmente na maioria dos documentos fundamentais da Ordem franciscana. Pois, em nenhum outro trecho dos seus escritos, Francisco exprime o nosso parentesco com Deus e entre nós mesmos de um modo tão místico e dinâmico como aqui: Somos uma família de Deus, não somente por mera consangüinidade, mas por laços espirituais. É a inspiração, ou seja, o Espírito quem nos une e nos impele à ação. O elemento missionário não se perde neste texto místico; mas - bem ao contrário - encontra aqui a sua origem. Qualquer ação tem que ser precedida pela presença de Cristo em nós. Somente a íntima união com Ele gera vida. O mais íntimo do ser quer se manifestar e projetar para



fora. Pelo amor (= Espírito Santo) somos como que grávidos com Cristo; nós o geramos „por uma ação santa”, por um agir que corresponde ao Espírito de Deus. Nós nos tornamos geradoras e geradores de Deus quando a nossa vida e o nosso agir trazem o Cristo à luz.

Trata-se, portanto, da urgência de se deixar invadir pelo Espírito de Deus e de seguir as pegadas de Jesus Cristo; e isto não somente em países distantes e num futuro longínquo, mas aqui e agora. Esta convicção é expressa muito claramente na carta que Francisco escreveu ao término de sua vida a todos os irmãos. No fim desta carta se encontra uma oração que frisa o papel do Espírito Santo e volta a nos mostrar que toda missão tem sua origem na Santíssima Trindade:

„Eterno Deus onipotente, justo e misericordioso, concedei-nos a nós míseros praticar por vossa causa o que reconhecermos ser a vossa vontade e querer sempre o que vos agrade, a fim de que, interiormente purificados, iluminados e abrasados pelo fogo do Espírito Santo, possamos seguir as pegadas de vosso Filho, Nosso Senhor Jesus Cristo, e por vossa graça unicamente chegar até vós, ó Altíssimo, que em Trindade perfeita e Unidade simples viveis e reinais na glória como Deus onipotente por toda a eternidade” (CtOrd 50-52).



missão franciscana

4.

A missão do movimento franciscano

4.1.

Fundamentalmente, a missão da Igreja não pode ser outra senão a continuação e um prolongamento da missão de Jesus. Assim também o entenderam Francisco e Clara. Como a missão de Jesus e da Igreja, assim também é a missão do movimento franciscano, pois tem:

- a mesma origem: o Pai;
- a mesma meta: colocar em andamento a dinâmica do amor;
- o mesmo modelo: Jesus Cristo e suas atitudes face à pobreza, ao sofrimento e à aceitação obediente da morte.

Quando Francisco declara solenemente que Deus enviou os seus irmãos „*pelo mundo universo*” (CtOrd 9), então demonstra claramente a quem pertence a iniciativa, ou seja, ao próprio Deus; e a que dimensões essa missão se estende, a saber, ao mundo inteiro. Nisto, a primeira coisa a fazer é anunciar que Deus é bom, louvando-o por palavras e obras, „*e fazer saber a todos que ninguém é todo-poderoso senão ele*” (CtOrd 9).

O que será isto, senão a missão de Cristo? Foi ele quem revelou ao mundo quem é Deus, sobretudo o seu amor, seu „poder” na linguagem de João, sua „glória” e sua bondade. Também para Francisco se trata de uma existência missionária que incorpora a palavra na vida ativa (RegNB 11; 14; 17,3). Igualmente, Clara sabe que suas irmãs, apesar de sua vida escondida, são chamadas „*a ser exemplo e espelho para outras*” (TestCI 6).

Anunciar Deus à humanidade

4.2.

Na sua Regra (RegNB 21), Francisco apresenta aos seus irmãos um modelo de como fazer uma exortação. Deste modelo poderão e até deverão se servir livremente, em qualquer circunstância e frente a qualquer tipo de ouvintes. O modelo consiste de duas partes:

- A primeira parte convida os ouvintes a se abrirem em face no mistério do Deus Trino, para o „*temer e honrar, louvar e bendizer, agradecer e adorar*” (RegNB 21,1-2);
- A segunda parte chama à conversão (penitência), que se manifesta essencialmente no perdão e no amor ao próximo (cf. RegNB 3-6).

Num outro lugar, Francisco frisa especialmente o mistério de Deus, sua alteza e incompreensibilidade. Todos os seres humanos têm que voltar-se para Ele com fé sincera e em espírito de penitência (RegNB 17,17-19; 23,7-11). Chama atenção que Francisco parece reduzir a fé e a penitência, a qual „*nós, miseráveis pecadores*” (isto é, os Frades Menores) temos que chamar todos os seres humanos, e que se resume praticamente no amor e na procura de Deus (RegNB 23,7). Assim, a exortação missionária dos franciscanos está consentâneo com a oração de Jesus:

„*Para que o mundo conheça que tu me enviaste, e amaste a estes como me amaste a mim... para que o amor com que me amaste esteja neles, e eu neles*” (RegNB 22,48-49 = Jo 17,23.26).



Comportar-se como Jesus

4.3.

Os irmãos têm que saber que - ao anunciar a Boa-Nova - eles devem seguir as pegadas de Jesus Cristo, que chamou Judas de „amigo” e se entregou de livre vontade aos que o crucificaram (cf. RegNB 22,2). Os irmãos têm que estar prontos para suportar qualquer tipo de hostilidade e sofrimento, abstendo-se „de rixas e disputas” (cf. RegNB 3,10; 16,6-11). Devem submeter-se a todas as criaturas e confessar serem cristãos (cf. RegNB 16,7). Seguindo o exemplo de Jesus, eles têm que ser „mansos e humildes de coração” (Mt 11,29), pacíficos, modestos, afáveis e gentis (cf. RegB 3,11).

E „por causa do amor de Cristo, eles têm que se expor aos inimigos visíveis e invisíveis”, pois „se entregaram ao Senhor Jesus Cristo, dedicando-lhe seu corpo e sua vida” (RegNB

16,10s; cf. ElVirt 14-28).

Também Clara não quer outra coisa senão seguir „as pegadas do próprio Cristo e de sua santíssima Mãe” (RegCl 0,3; TestCl 36). „O Filho de Deus se fez para nós o Caminho” (TestCl 2). Clara convida Santa Inês, sua amiga espiritual em Praga: „Não desejes outra coisa, senão imitar o teu esposo, ...que foi rejeitado, ferido e muitas vezes flagelado no seu corpo, e que morreu na cruz entre muitas angústias. Participando da sua paixão, participarás também do seu reino. Chorando com Ele, com Ele te alegrarás...” (2Ctln 3). É o comportamento de Jesus que determina a vida comunitária no convento de São Damião, inclusive o lava-pés que Clara pratica, lavando os pés de suas irmãs (cf. FVCl 12).



A meta da missão franciscana

4.4.

O capítulo 22 de Regra Não-Bulada une dois textos da Sagrada Escritura (Jo 17,24 e Mt 20,21):

„Pai, os que me deste, quero que, onde eu estiver, eles também estejam comigo, para que vejam tua glória no teu reino” (RegNB 50).

De certo modo, o suplemento „no teu reino” (Mt 20,21) localiza a glória que espera os discípulos. Portanto, é o alvo da missão de Jesus e de Francisco, fazer a humanidade par-

tipicar da glória do Pai, conduzi-la ao reino do Pai que lhe foi preparado „desde a criação do mundo” (Mt 25,34; RegNB 23,8). Este reino é a realização da oração de Jesus, pedindo que os seus discípulos estejam com Ele e possam contemplar a glória do Pai. Isto, portanto, é a realização de toda ânsia e todo desejo humano. No seu canto de consolação para as Pobres Irmãs de São Damião, Francisco exprime esta idéia ainda por mais uma outra imagem: „Cada uma será uma rainha no céu, coroada junto com a Virgem Maria” (SerBoav 13).

A esta altura chegamos só muito paulatinamente, por um esforço diário marcado por todos os avanços e retrocessos. Não o conseguimos com nossas próprias forças, mas precisamos para isto da comunidade de irmãs e irmãos.

Fontes eclesiais e franciscanas*

Bíblia	Mt 25,34; Lc 24,26; Jo 1,14; 10,10; 12,50; 14,9; 16,5-15; Rm 8,15; 1Cor 12,3; 2Cor 3,6; 1Jo 3,23; 4,8.
Documentos da Igreja	RM 23; AG 2; RM 29
Fontes	ExLouv 16; LovHCa; OfP V,1.3; SaudVM 6; LovDA 4; 1Ctfi 1,1; 2Ctfi 1-5; 11s; 13.48-60; CtOrd 9s; 50s; Adm 1,12s; 7; 8; 22; RegB 12,1; RegNB 2,1; 16,3.7.10s; 21-24; SerBoav 13; 2CtIn 3; RegCl 0,3; TestCl 6; 1Cel 29; Leg3C 28; 29; 60; FVCI 1
Documentos interfranciscanos	
OFM - OFM^{Cap} - OFM^{Conv}	OFM ^{Cap} Constituições 98; 144; 174
OSC (Clarissas)	OSC Constituições 90,2; OSC ^{Cap} Constituições 117; 155-157
OSF (TOR)	Regra N° 2; 8-11
OFS	Regra N° 1; 4; 13; Constituições art. 17; 37,3
Suplementos	

* As fontes podem ser anotadas pelo(s) participante(s) do curso.





Exercícios IV.

1.

Em grupo, leiam o decreto *Ad Gentes* do Concílio Vaticano II, sobre a atividade missionária da Igreja (1965):

Nº 2: *A Igreja peregrina é por sua natureza missionária. Pois ela se origina da missão do Filho e da missão do Espírito Santo, segundo o desígnio de Deus Pai.*

Este desígnio provém do „amor fontal” ou da caridade de Deus Pai, que é o Princípio sem Princípio e do qual é gerado o Filho e pelo Filho procede o Espírito Santo. Por nímia misericórdia e bondade sua, criou-nos livremente e, além disso, chamou-nos gratuitamente à comunhão de sua vida e de sua glória. Generosamente difundiu a divina bondade e não cessa de difundi-la. Criador do universo, tornar-se-á „tudo em todas as coisas” (1Cor15,28), procurando ao mesmo tempo sua glória e nossa beatitude. Aproveu a Deus chamar os homens não só individualmente, sem qualquer conexão mútua, à participação de sua vida, mas constituiu-os num só povo, no qual seus filhos, antes dispersos, se congregassem num só corpo (cf. Jo 11,52).

Perguntas:

1. Quais das afirmações feitas neste decreto concordam com a concepção franciscana?
2. Em que pontos existem diferenças?



2.

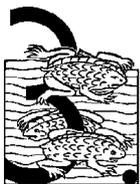
De *Redemptoris Missio*, Encíclica de João Paulo II (1990):

Nº 23: João é o único que fala explicitamente de „*mandato*”, palavra equivalente a „*missão*” confiada por Jesus aos seus discípulos, com aquela que ele mesmo recebeu do Pai:

„assim como o Pai me enviou, também eu vós envio” (Jo 20,21). Jesus, dirigindo-se ao Pai, diz: „assim como tu me enviaste ao mundo, também eu os envio ao mundo” (Jo 17,18). Todo o sentido missionário do Evangelho de São João se pode encontrar na „Oração Sacerdotal”: a vida eterna é „que te conheçam a ti, único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste” (Jo 17,3). O fim último da missão é fazer participar na comunhão que existe entre o Pai e o Filho. Os discípulos devem viver a unidade entre si, permanecendo no Pai e no Filho, para que o mundo conheça e creia (cf. Jo 17,21-23). Trata-se de um texto de grande alcance missionário, fazendo-nos entender que somos missionários sobretudo por aquilo que se é, como Igreja que vive profundamente a unidade no amor, e não tanto por aquilo que se diz ou faz.

Perguntas:

1. A autoconsciência de você se reconhece no texto citado?
2. Até que ponto pode-se afirmar que a comunidade onde você vive, seja missionária?



3.

Trecho das atuais Constituições das Clarissas:

Art. 90,2: „Através de uma vida vivida em comunhão de amor, algo de incomensurável se faz presente. Essa vida está enraizada na vida comunitária da própria Trindade e exige de nós que a revelemos sempre melhor e sempre mais autenticamente.”

Perguntas:

1. Até que ponto seria possível fazer esta afirmação de qualquer comunidade cristã?
2. Como expressar o conteúdo deste artigo de forma mais concreta?





Yin-Yang e a Trindade:

No seu livro *Rückkehr von den fremden Göttern* (= Retorno dos deuses desconhecidos), J. Wichmann, um escritor moderno, dá sua interpretação pessoal de dois símbolos conhecidos:

„Na cena neo-religiosa, o Yin-Yang, símbolo do Taoísmo, é muito popular. Representa a polaridade do ser. Em contraste com essa polaridade estática, a Trindade contida dentro de um movimento circular representa uma divindade que - de certo modo - dança consigo mesmo. Ultimamente esse símbolo da Trindade continua circulando dentro de mim, assumindo constantemente novas formas e tornando-se cada dia mais interessante. Causa-me estranheza o fato de que os teólogos não se aproveitem melhor deste sinal da pluriformidade e dinâmica divinas. Que um símbolo semelhante seja capaz de atrair muita gente, é demonstrado pela popularidade do círculo asiático „Yin-Yang“. Por que será que o símbolo da Trindade, que surgiu na nossa própria cultura ocidental, não consegue alcançar a mesma importância, apesar de possuir um brilho muito mais reluzente e dar origem a uma grande variedade de outras idéias ou imagens? Sobretudo, apela para uma dimensão bem diferente daquela dada pela enfadonha interpretação moderna de „uma dinâmica autoconstrutiva do universo“, que abafa qualquer espírito vivificante e procura impor-se como o conceito espiritual dos adeptos da „New Age“. Pois, este último representa a maior vitória de uma visão do universo totalmente mecânica, que já não precisa mais renegar a Deus porque o assimilou. Sinto que a imagem da Trindade é infinitamente preferível a tudo isso!

Nela consigo entender três aspetos da divindade, que - antes - não soube coordenar. Em primeiro lugar, contemplo o aspecto do „Pai“, origem inesgotável da qual todo ser procede. Depois, vejo o aspecto do „Filho“ como o lado personalizado do espírito absoluto, sendo o mais próximo e o mais acessível a nós, seres humanos. A tradição também fala do Cristo como „Logos“ (= Verbo) que no início „estava com Deus“, ou seja, o Cristo cósmico. Finalmente, o Espírito Santo representaria o lado não-personificado da origem divina, que se nos manifesta no mundo concreto e que conseguimos experimentar como a força vital que permeia tudo, sendo o aspecto energético de Deus. Desta maneira, posso experimentar de modo rudimentar „o Pai, o Filho e o Espírito Santo“. A tradição nos legou tudo isto através de conceitos masculinos. Isto é deplorável. Porém,

acredito que hoje em dia já se compreende melhor que o „Pai” tem que ser considerado também como sendo „Mãe”, pois transcende qualquer sexualidade. E quem sabe, talvez chegará o dia em que se irá tomar consciência do fato de que o Espírito Santo - na sua origem hebraica - se apresenta sob forma feminina.

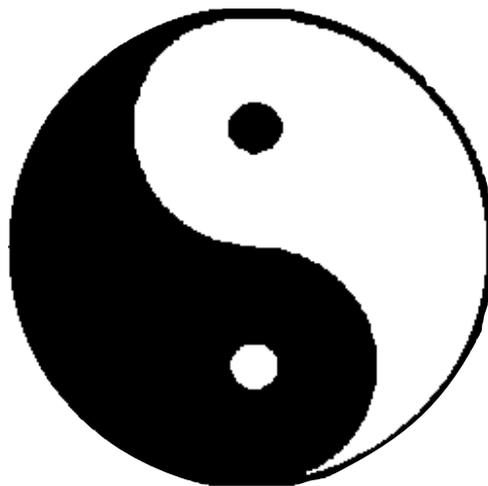
... A imagem da Trindade como um caleidoscópio divino, procedendo e produzindo-se mutuamente sem fim, gerando e dando à luz a si próprio! Finalmente, encontrei um símbolo cristão que não necessita de interpretações complicadas, mas que se apresenta espontaneamente inteligível e acessível ao meu entendimento como nunca antes. A imagem das três lebres, que circulam num movimento rotativo, simbolizam uma dinâmica poderosa” (J. Wichmann, Rückkehr von dem fremden Göttern. Wiederbegegnung mit meinen ungeliebten Wurzeln, Stuttgart 1992, p. 58s).

O significado do Yin-Yang no Taoísmo:

„Dois motivos importantes e fundamentais da religião chinesa (= Taoísmo) implicam os conceitos da continuidade e da mudança. Desde o século VII aC, pensadores chineses começaram a sistematizar as forças transformadoras que plasmam incessantemente o universo num fluxo contínuo. Começou-se a utilizar os conceitos de „Yang” (originalmente significando o lado ensolarado de uma colina) e de „Yin”, para designar dois dos princípios fundamentais em incessante ação recíproca. „Yang” é lícido, duro e masculino; e seu oposto, „Yin”, é sombrio, maleável, meigo e feminino. Porém, no pensamento chinês, o contraste entre Yin e Yang não é visto como algo absolutamente irreconciliável. Antes, constitui uma contraposição relativa de tipo dinâmico e rítmico, pois os dois não representam outra coisa senão duas fases de uma metamorfose constante.

Seu símbolo típico é a circunferência formada por duas partes iguais de cores diferentes, que se abraçam. Porém, em cada metade desta circunferência se encontram pequenos círculos da cor oposta, simbolizando a mútua compenetração. Por este motivo, seria inadmissível considerar a relação entre Yin e Yang como algo estritamente dualístico e estático. Yin e Yang juntos, representam o Tao (= sentido) de céu e terra, e da ordem das inumeráveis coisas existentes; são pai e mãe da metamorfose e da transformação, o início e o fim de vida e morte, e a fonte dos movimentos misteriosos de luz e trevas” (Huang-ti nei-ching-su-wen).





Perguntas:

1. Compare o símbolo de Yin-Yang com o símbolo das três lebres, que - no tempo do cristianismo primitivo -, apontavam nas igrejas para o mistério da Trindade. O que significam para você, estes dois símbolos?
2. Até que ponto pode-se dizer que o mistério do Deus Trino constitui uma chave para a compreensão da realidade:
 - a) para entender a criação?
 - b) para entender o ser humano?
 - c) para compreender o que é a verdade?



Aplicações

V.

1.

Leia o texto seguinte:

„Para o modo chinês de pensar e, de certo modo, para o pensamento oriental em geral, o mundo é um único e vasto organismo vivo. A vida perpassa tudo e é de natureza espiritual. Ela está inteiramente orientada para a bondade. Para os chineses, o universo e a vida humana formam uma unidade. Experimentam essa unidade num relacionamento contínuo („Heaven-Man-Continuum“). Na China, a fé cristã vê o Pai como a fonte primordial, o Filho como sua expressão visível e o Espírito Santo como aquilo que abraça tudo, dando-lhe coesão. O poder de Deus enche toda a criação pelo Cristo ressuscitado. A totalidade „céu-homem“ tem Jesus Cristo como fundamento.

A vida de Cristo prorrompe o universo adentro e perpassa tudo. Cristo enche, com sua bondade, o gênero humano todo e o leva a uma comunhão cada vez mais profunda. A alma que encontrou o caminho para Cristo, alimenta sua força íntima pela bondade que lhe foi dada do céu por meio de Cristo. Ela cresce cheia de vigor ao encontro da plenitude da vida. O Cristo-céu (talvez possamos dizer: o Cristo cósmico) cria a harmonia com a humanidade, entre os seres humanos, e entre estes e a criação” (A.B. Chang, SJ, em: East Asian Pastoral Review, 1980, 3).

Pergunta:

Este texto tem algo a ver com a imagem que você se faz de Deus?



2.

O texto seguinte faz parte da religião do povo dos Baluba no Zaire:

O credo dos Bububa

Existe somente um único Deus.

Ele é espírito. Ninguém o criou. Ele se criou a si mesmo.



Entretanto, ele criou tudo: os espíritos, os seres humanos, as coisas, o mundo.

Ele é imortal, e também os espíritos criados por ele são imortais.

Ele é onisciente. Ele sabe tudo, e é como a porta, que vê o que está dentro da casa e o que está fora.

Ele é onipotente. Ele penetra tudo e é como o ar, que penetra tudo, sem que se possa vê-lo.

Ele é a fonte primordial e o fundamento de tudo. Como fonte, ele é assim como a água do mar, que é a origem do sal. Como fundamento, ele é como uma coluna sobre a qual descansa a casa.

Ele é o Senhor altíssimo; e como o leopardo, é senhor da floresta.

Ele é inesgotável e onipotente. Ele é como um poço profundo, que a água da chuva não consegue encher.

Ele ama suas criaturas como um Pai.

Suas leis ordenam:

Não matar.

Não fazer feitiço para os outros.

Não furtar.

Não cometer adultério.

Não difamar.

Amar e respeitar os pais.

Deus, o juiz, criou quatro grandes lugares:

O céu, onde ele habita com seus espíritos que se conservaram fiéis a ele.

O grande abismo, ao qual ele lança os espíritos que se revoltaram contra ele, e para onde vão os seres humanos que não se conservam fiéis a ele.

A terra, lugar provisório, onde os seres humanos nascem e renascem repetidas vezes.

A cidade, onde brotam bananas em abundância. É o lugar final para a permanência dos seres humanos que seguiram a Lei de Deus.

Perguntas:

- 1. Que parentesco se pode encontrar entre este texto e a espiritualidade franciscana?**
- 2: Que conseqüências você pode tirar para a sua atuação missionária?**

Bibliografia VI.

Asseldonk, O. van,

„Aspetti giovannei negli scritti di S. Francesco“. In: Antonianum 54 (1979) 447-486.

Boaventura

De triplici via - Über den dreifachen Weg. Edição bilíngüe latim-alemão, com tradução e introdução de M. Schlosser (Friburgo 1993).

Congar, Y.,

- Theologische Grundlegung zum Dekret über die Missionstätigkeit „Ad gentes“ (Fundamentação teológica do decreto „Ad gentes“ sobre a atividade missionária) (No 2-9): J. Schütte, Mission nach dem Konzil (Mainz 1967) 134-172.
- Der Heilige Geist (O Espírito Santo). Freiburg 1982, p. 157-167.

Egger, W.,

„Verbum in corde - Cor ad Deum. Analyse und Interpretation von NbR XXII“. In: Laurentianum 23 (1982) 286-311.

Gonzales, O.,

Misterio trinitario y existencia humana. Estudio historico-teológico en torno a San Buenaventura. Madri 1966.

Kaliba, C.,

Die Welt als Gleichnis des dreieinigen Gottes. Entwurf zu einer trinitarischen Ontologie. Frankfurt am Main/Berna/Nova Iorque 1991.

Kuhl, J.,

Die Sendung Jesu und der Kirche nach dem Johannes-Evangelium. St. Augustin 1967.

Lampen, W.,

„S. Franciscus, cultor Trinitatis“. Archivum Franciscanum Historicum 21 (1928) 449-467



Lehmann, L.,

- „Gratias agimus tibi. Structure and content of Chapter 23 of the Regula non bullata“. In: Laurentianum 23 (1982) 312-375.
- Tiefe und Weite. Der universale Grundzug in den Gebeten des Franziskus von Assisi. Werl 1984.
- „Prinzipien franziskanischer Mission nach den frühen Quellen“. In: Laurentianum 26 (1985) 311-360.
- Franziskus - Meister des Gebetes. Werl 1989.
- „Ein Psalm des hl. Franziskus zur weihnachtlichen Zeit“. In: Geist und Leben 63 (1990) 5-15.
- „Geh hin und stelle mein Haus wieder her! Überlegungen zum franziskanischen Grundauftrag“. In: Geist und Leben 64 (1991) 129-141.

Matura, Th.,

Dieu le Père très saint. Paris 1990.

Mello, A. de,

Warum der Vogel singt. Freiburg 1984.

Viviani, W.,

L'ermeneutica di Francesco d'Assisi. Indagine alla luce di Gv 13-17 nei suoi scritti. Roma 1983.

Wackerl, J.,

„Die trinitarische Prägung des Weltverständnisses des hl. Franziskus“. In: Franziskanische Studien 64 (1982) 245-260.

Wichmann, J.,

Rückkehr von den fremden Göttern. Wiederbegegnung mit meinen ungeliebten Wurzeln. Stuttgart (1992) 58s.

Legendas **VII.** das Ilustrações

Capa:

São Francisco. Afresco de Pietro Lorenzetti, na igreja inferior da basílica, Assis.

Folha de rosto:

Vitral das lebres, catedral de Paderborn, Alemanha.

P. 4: No seio de Abraão.

P. 6: Representação da Santíssima Trindade. Iniciais de um saltério do século XIII.

P. 8: Representação da Santíssima Trindade. Afresco na igreja de Urschalling, Alemanha.

P. 11: A fuga para o Egito. Relevo em madeira no portal da catedral de Ibadan, Nigéria.

P. 13: Gravura em madeira de W. Habdank.

P. 16: O encontro entre Clara e Francisco. Basílica Santa Clara, Assis.

P. 17: „Quem vê Francisco, se lembra de Cristo”, gravura em madeira de Irmã Christina Mülling.

P. 20: Gravura de Adriaen Collaert, baseado em desenhos de Adam van Oort (van Noort), 1562-1641.

P. 26: Símbolo de Yin-Yang.

As três lebres. Pintura do teto no mosteiro da gruta de Dunhuang, província de Gansu, China.

P. 32: Gravura em linóleo de Azariah Mbata (recorte).





Para refletir

Somos três, tu és três

Quando seu navio aportou por um dia numa ilha longínqua, o bispo resolveu passar o tempo do modo mais útil possível. Passeando na praia, encontrou três pescadores que consertavam suas redes. Em inglês „pidgin”, eles lhe explicaram que, há séculos, um missionário veio à ilha para convertê-los. „Nós cristãos!” - disseram apontando com satisfação para si mesmos.

O bispo ficou impressionado. Perguntou-lhes se sabiam rezar o „Pai-Nosso”. Não, nunca tinham ouvido falar disso. O bispo ficou chocado. Como era possível que esses homens afirmassem ser cristãos, se nem conheciam uma coisa tão fundamental como o „Pai-Nosso”?

Perguntou: „O que vocês falam, então, quando rezam?” „Levantamos nossos olhos a Deus. Rezamos: „Somos três, tu és três, tenha piedade de nós.” O bispo ficou consternado por causa desta oração primitiva, quase herética. Portanto, passou o dia inteiro ensinando-lhes a Oração do Senhor. Os pescadores aprenderam com dificuldade, mas se esforçaram, e antes que o navio do bispo levantasse vela, ele ouviu com satisfação que sabiam recitar a oração inteira sem errar.

Meses depois, o navio voltou a aportar na mesma ilha. Quando o bispo passeava no convés rezando, lembrou-se com alegria de que - naquela ilha tão distante - havia três homens que, graças a seus esforços pacientes, agora sabiam rezar corretamente. Imerso em seus pensamentos, levantou o olhar e viu no oriente uma claridade se aproximando; e quando - cheio de espanto - olhou mais de perto, reconheceu três figuras que se aproximaram do navio andando sobre as águas. Quando estavam tão perto que era possível entendê-las, o bispo reconheceu seus três amigos, os pescadores.

„Ó bispo, como estamos contentes de vê-lo. Ouvimos que seu navio iria passar perto da ilha, então tivemos pressa para encontrá-lo.” „O que gostaria que eu fizesse por vocês?” - perguntou o bispo, cheio de reverência.



„Estamos muito tristes, senhor bispo, esquecemos aquela oração tão bonita.” Falamos: „Pai nosso que estais nos céus, santificado seja o vosso nome, venha a nós o vosso reino...”, mas esquecemos o resto. Por favor, ensine-nos novamente a oração inteira! Então o bispo respondeu humildemente: „Voltem para sua casa, boa gente! E quando rezarem, digam simplesmente: „Somos três, tu és três, tem piedade de nós.”

Anthony de Mello

